

SETORES: REITORIA E PRÓ-REITORIA

LIVRO: "DESASTRE NO RIO DOCE: OLHARES E PERCEPÇÕES"

Adriana de Oliveira Leite Coelho<sup>1</sup>  
Lissandra Lopes Coelho Rocha<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

O livro Desastre no rio Doce: olhares e percepções é fruto da necessidade de provocar um movimento social frente ao desastre da Samarco ocorrido em 05 de novembro de 2015, que afetou o rio Doce com uma gigantesca quantidade de lama tóxica vinda do município de Mariana (MG) sobre grande parte de seu curso atingindo seus afluentes e o Oceano Atlântico, além de dezenas de cidades, de pessoas e de famílias que vivem dele até os dias de hoje.

Na compreensão de que a arte é a manifestação de sentimentos, lançamos o I Concurso Literário “Desastre no rio Doce: olhares e percepções” com o objetivo de incentivar e divulgar a produção de textos, resgatando histórias das comunidades do Vale do Rio Doce atingidas pelo rompimento da barragem de rejeitos da Samarco Mineração S.A.

Os textos foram tão profundos, tão surpreendentes e tão bem redigidos em cada palavra que do concurso, decidimos transformar em obra literária tais sentimentos gerados pela tragédia que se abateu sobre o Rio Doce.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC; Mestre em Engenharia de Estruturas pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora colaboradora do Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território - GIT da Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE. Pró-reitora de Graduação; Pró-reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão da UNIVALE. E-mail: adriana.coelho@univale.br.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC; Mestre em Direito pela Universidade Gama Filho. Professora colaboradora do Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território - GIT da UNIVALE. Reitora da Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE. E-mail: lissandra.rocha@univale.br.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O desastre do rompimento da barragem de rejeitos da Samarco/Vale/BHP em Mariana atingiu de forma diferenciada mais de um território ao longo da Bacia Hidrográfica do Rio Doce. Governador Valadares, um dos municípios às margens fluviais, tem neste, sua única fonte de captação de água e depois do ocorrido a lama inviabilizou a utilização de sua água para qualquer finalidade. A partir desse cenário, os cidadãos ficaram em uma situação de insegurança afetados por violências múltiplas, imediatas e que persistem no tempo, ignorando os riscos existentes.

No que tange à relevância, os estudos do desastre da barragem da Samarco/Vale/BHP não se dão apenas por sua ocorrência isolada, na perspectiva da abrangência socioambiental, este desastre pode ser considerado um dos maiores do mundo e ao buscar informações, chega-se à conclusão crítica de que esse não foi e não será um episódio único e exclusivo.

Os relatos demonstram que o desastre da barragem da Samarco/Vale/BHP em Mariana provocou, além das mortes, a destruição de centenas de moradias, o comprometimento das atividades produtivas de várias comunidades ribeirinhas, uma vasta mortandade de peixes e outros animais, suspensão da pesca, a interrupção no abastecimento de água em alguns municípios e significativos danos à qualidade da água na Bacia Hidrográfica do Rio Doce, fonte de abastecimento de milhares de habitantes.

Os resquícios do desastre vão se perpetuando no decorrer do tempo, deixando no ambiente e nas pessoas o desenho do sofrimento individual e coletivo/social. E o desastre vai sendo construído a cada novo sofrimento vivenciado ou identificado ao longo do tempo.

Além de impactos de natureza física, nesse tipo de desastre, identificam-se também efeitos sociais que são de difícil mensuração. Isso porque o impacto de um desastre atinge não somente aquelas pessoas que foram desalojadas ou que perderam seus familiares, gera sensação de insegurança pós-rompimento, afeta tanto

as pessoas diretamente envolvidas como aquelas que permaneceram nas áreas adjacentes.

A natureza dos impactos e as características dos desdobramentos desse desastre fazem dele um tipo de desastre socioambiental uma vez que nasce da quebra repentina de um sistema sociotécnico-natural onde se encontra a junção de estruturas e componentes técnicos humanos e naturais reorganizados e modificados em sua finalidade para fazer parte do processo produtivo e de circulação em prol da finalidade econômica (ESPÍNDOLA; NODARI; SANTOS, 2019, p.145).

A catástrofe socioambiental na Bacia Hidrográfica do Rio Doce trouxe o sentimento de tragédia humana, no seu sentido mais amplo, associada à grave violação da dignidade da vida humana e do bem-estar social, abolindo direitos humanos, como direitos sociais, ambientais, econômicos e culturais. Com essa tragédia, foram violados direitos de diversas ordens e em diferentes escalas.

Os danos, que se iniciaram impactando o meio ambiente, trouxeram prejuízos às comunidades ribeirinhas, pequenos produtores rurais, agricultores familiares e assentados de reforma agrária, os quais passaram a ter uma faixa de seus terrenos inutilizada para a agricultura de subsistência. Atingiu a atividade de subsistência das pessoas que viviam da pesca no rio Doce, comprometendo a sustentabilidade de suas famílias. Ademais, gerou-se a incerteza sobre a utilização ou não da água bruta do rio nas atividades de irrigação e dessedentação do gado. A permanente noção do risco e o sentimento de incerteza se dá em toda a bacia. Seja pela dúvida em relação à potabilidade da água tratada, seja em relação às hortaliças da feira ou aos peixes destinados ao consumo humano, direitos sociais e econômicos – como alimentação, renda, saúde, lazer, entre outros, descritos nos artigos 6º e 7º da Constituição Federal de 1988 – foram violados.

Quanto aos impactos culturais, modos de ser, viver e fazer, também foram alterados. Práticas associadas ao patrimônio cultural imaterial e também material foram destruídas. Houve, ainda, impactos em comunidades tradicionais e sistemas simbólicos atribuídos às questões naturais. Práticas esportivas, como a canoagem e outros esportes aquáticos praticados no rio Doce, desapareceram. Os impactos foram

tanto na perspectiva do indivíduo, em suas relações privadas e profissionais, quanto na coletividade, titular dos direitos difusos transindividuais. Tais alterações no modo de viver atingem direitos fundamentais resguardados pelo art. 5º da Constituição Federal de 1988.

Espindola, Ferreira e Mifarreg (2017, p. 89) destacam que “o desastre da Samarco/Vale/BHP alargou o *envirotechnical* regime da mineração”, exteriorizando que o risco pode afetar elementos diferenciados, de natureza social, econômica, ecológica, cultural, financeira e subjetiva, de forma mais extensa e com ameaças irrestritas.

As narrativas, as formas de lembrar, registrar e noticiar os desastres utilizam-se de mesmas referências, a excepcionalidade, a busca pela compreensão do evento como instrumento a contribuir para o seu não esquecimento e no seu entendimento para prevenção futura do desastre (LOPES, 2015, p. 96). O tempo nesse caso permite uma análise mais detalhada do acontecimento como um processo e faz o conhecimento dos riscos se destacarem.

Entretanto, as pessoas que o vivenciaram em sua rotina cotidiana, e têm em seus corpos as marcas da experiência traumática, suportaram a perda da vida/identidade e buscam manter suas vozes ativas e enfrentar o silenciamento imposto pelas instituições, tentando manter suas memórias individuais vivas, por meio da expressão na arte.

A junção das memórias individuais com as memórias do grupo, as memórias ditas sociais, oficiais, seus desencontros de informações, essa construção contínua e múltipla é que permite que a memória aconteça, enquanto processo inacabado que faz parte de toda uma organização social e que dela não pode se dissociar. Por isso, a história cotidiana precisa para sua total compreensão, do complemento das histórias de vida, das vivências e experiências das pessoas, que compõem a história oral com toda a sua diversidade e seus inúmeros pontos de vista, além da sensibilidade e percepção individual.

Destarte, nesse processo de construção da memória de um desastre, destaca-se a importância da simbologia, das marcas e símbolos que precisam ser

reafirmados para impedirem o esquecimento, ainda que algumas pessoas sintam o incômodo da presença desse símbolo a relebrá-las do sofrimento vivenciado.

Nessa percepção simbólica da memória, a história seria o registro, a operação intelectual ligada à lembrança, à análise e ao discurso crítico, ao contrário da memória que estaria ligada diretamente ao indivíduo e às suas percepções do ocorrido, lembranças que ficaram marcadas em sua memória, e aqui em situações limite como os desastres, as percepções são profundamente afetadas (NORA, 1993, p. 9), demonstradas no livro por meio de crônicas, contos, poesias, fotos e ilustrações, todos expressão dos sentimentos dos atingidos.

Por isso, a escolha desse conteúdo para o livro, na materialização dos sentimentos na expressão da arte, que segundo o dicionário Houaiss (2001), é a "produção consciente de obras, formas ou objetos, voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana".

Na verdade, segundo o site da Fundação ABRINQ (2022), "a arte transforma a forma de imaginar e de entender o mundo. É uma forma de um indivíduo expressar as suas emoções, história e cultura por meio de valores estéticos, como beleza, harmonia e equilíbrio".

## MÉTODO DA PESQUISA

Dentro do trem da estrada de ferro Vitória - Minas, olhares voltados à paisagem e no cenário um personagem se destacava entre os demais. Inevitável não notar sua sobreposição. Ele compunha toda a viagem. Não era uma montanha, uma casinha, uma árvore, uma ponte, uma flor. Todos esses ficavam para trás ao longo do trajeto. Porém o grande protagonista não se esvaía com o passar das paisagens. Ele era o próprio percurso. O mestre da trilha. O corpo de água envolvendo e desenvolvendo dezenas de cidades bem como um par de estados. A extensão de sentidos e sentimentos. O curso de fauna, flora e gente. O volume de experiências humanas e naturais. O elemento vital. O Rio Doce.

E dessa forma, nasce a ideia do registro de sentimentos dos afetados pelo Desastre da Samarco em sua relação com o rio Doce, sendo essa ideia lapidada e amadurecida em um concurso literário, que se torna o embrião literário da obra final: o livro Desastre no rio Doce: olhares e percepções.

O I Concurso Literário UNIVALE foi concebido com a missão de incentivar e divulgar a produção de textos e imagens, resgatando histórias da comunidade do Vale do Rio Doce atingida pelo rompimento da barragem de rejeitos da Samarco Mineração S/A ocorrido em 5 de novembro de 2015.

Poderiam participar do concurso em questão, pessoas que tivessem histórias vivenciadas no Vale do Rio Doce sobre o desastre mencionado nas categorias de crônica, conto, poesia, fotografia ou ilustração.

Em relação aos textos, cada participante só podia inscrever apenas 1(um) texto, de autoria própria, se submetendo às subcategorias: a) Infantil: autores até 12 anos; b) Infantojuvenil: autores de 13 a 17 anos; c) Adulto: autores de 18 a 65 anos; d) Terceira Idade: autores acima de 65 anos. O trabalho inscrito deveria ser inédito, isto é, não ter sido publicado em qualquer espécie de veículo, impresso ou eletrônico e, escrito em Língua Portuguesa, também deveria fazer uma abordagem referente ao desastre, resgatando histórias das comunidades do Vale do Rio Doce atingidas e das multifacetadas do desastre nesta região.

Os textos eram avaliados segundo os seguintes critérios: 1. Adequação do tema. 2. Originalidade. 3. Conteúdo. 4. Criatividade. 5. Ideias expressas. 6. Gramática/ortografia. 7. Intertextualidade.

Em relação às ilustrações e/ou fotografias, cada participante poderia se inscrever com um máximo de 2 (duas) imagens, de autoria própria, fazendo uma inscrição para cada trabalho. A imagem inscrita deveria ser inédita, isto é, não ter sido publicada em qualquer espécie de veículo, seja impresso ou eletrônico e deveria fazer uma abordagem referente ao desastre do rompimento da barragem da Samarco e suas consequências para o Rio Doce desde 2015, resgatando as multifacetadas do desastre.

Especificamente em relação à fotografia, seriam permitidas imagens feitas em municípios do Vale do Rio Doce, que tinham como tema principal o desastre em questão, visando à coerência com o título do livro, sendo sempre imagens inéditas, não tendo vencido nenhum outro concurso fotográfico. Não seriam permitidas imagens contendo legenda ou marca d'água, objetos de propriedades de terceiros ou obras intelectuais; imagens de animais em cativeiro ou que demonstrassem práticas de crueldade; imagens com possíveis retoques e montagens gráficas; *scans* de transparências e negativos não seriam aceitos; imagens publicadas em sites de compartilhamento como *Flickr*, *Wikiaves*, *Facebook*, *Youtube*, *Vimeo* e similares ou ainda em notas ou artigos científicos.

Todo o processo do Concurso Literário foi regido por um regulamento que ficou público a todos os participantes e permitiu ampla participação da comunidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

As inscrições do Concurso Literário que deu origem ao livro foram gratuitas e feitas pelo site da Univale, com pseudônimo para evitar a identificação do autor. Buscando aprimorar o processo de transparência na análise dos trabalhos, a comissão julgadora foi composta por 07 (sete) membros a saber: a) 01 (um) representante da Secretaria Municipal de Educação; b) 01 (um) representante da Superintendência Regional de Ensino de Governador Valadares; c) 01 (um) representante da Academia Valadarense de Letras de Governador Valadares; d) 01 (um) representante do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Doce; e) 01 (um) representante do Instituto BioAtlântica (IBIO); f) 01 (um) profissional com licenciatura em Letras; g) 01 (um) representante da Universidade Vale do Rio Doce.

Foram premiados na subcategoria infantil, três poesias:

- 1º lugar: João Pedro Jersey Gomes Araújo - O desastre do rio Doce;
- 2º lugar: Shanayra Buenos Aires Ferreira - O que houve com meu rio?;
- 3º lugar: Caio Lopes Coelho Rocha - O 5 de Novembro.

Já na subcategoria infantojuvenil houve cinco poesias vencedoras:

- 1º lugar: Karen Rebheca Ferreira Martins - Rio Doce;
- 2º lugar: Sarah Lorrane Ferreira de Matos Silva - A dor de uma perda;
- 3º lugar: Francislaine Benjamim Marques - Mar de lama;
- 4º lugar: Maria Eduarda Coelho Silva - Tragédia de Mariana;
- 5º lugar: Jaqueline Souza Freitas - Que saudades do rio Doce.

Na subcategoria adulto, o primeiro, quarto e quinto lugares foram poesias, e o segundo e terceiro lugares foram contos:

1º lugar: Adelize Jaqueline Bicalho - Insana Marca;

2º lugar: Wesley Rosa Silva - Isto não vale! É injusto o que fizeram com o rio Doce!

3º lugar: Wildma Mesquita Silva - Experiências de estudantes universitários sobre o rio Doce;

4º lugar: Priscilla Radd Ferreira Pinto - Rio Doce: Bio Grafia;

5º lugar: Darlan Correa Dias - O rio Fantasma.

Por fim tivemos na subcategoria terceira idade duas poesias premiadas:

1º lugar: Edite de Abreu Ferreira Nunes - Polímero de Acácia Negra;

2º lugar: Railca de Almeida Prates Santos - Maior desastre ambiental do Brasil.

O prêmio consistiu em: Na categoria Contos, Crônicas ou Poesia: troféu para o primeiro lugar, medalha para segundo e terceiro lugares de cada subcategoria. Além disso, os cinco primeiros colocados de cada subcategoria receberam um kit de livros e todos os participantes um certificado de menção honrosa.

O processo de escolha da imagem vencedora foi diferente do texto, sendo por meio de votação online e aberta à comunidade da Univale participante da exposição durante o 16º Simpósio de Pesquisa e Iniciação Científica da Univale, nos dias 3 e 4 de outubro de 2018. O ponto de votação ficou disponível no andar térreo do Edifício Pioneiros, dentro do *Campus* Antônio Rodrigues Coelho, sendo eleitas as imagens com maior número de votos. Na categoria Ilustração ou Fotografia a premiação foi troféu para o primeiro lugar, medalha para segundo e terceiro lugares. Além disso, para todos os participantes um certificado de menção honrosa. A foto mais

votada e que também foi publicada no livro foi de Wildma Mesquita Silva; em segundo lugar ficou a ilustração de Pedro Henrique Santana Gomes; e em terceiro lugar a ilustração de Isabelle Luisa Sousa.

**Figura 1** - Fotografia premiada: Wildma Mesquita Silva

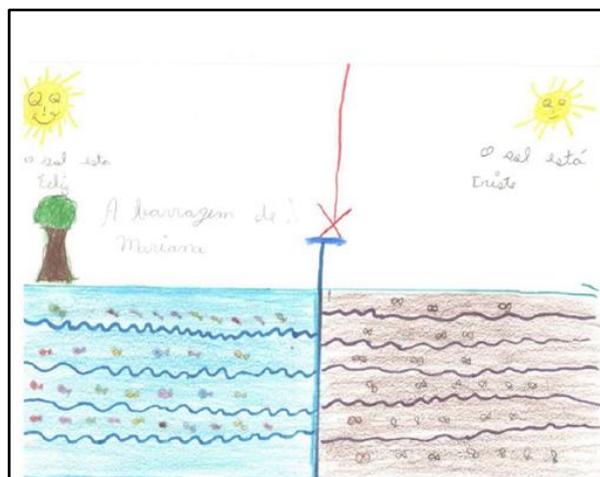


Fonte: Coelho e Rocha (2022).

**Figura 2** - Ilustração de Pedro Henrique S. Gomes - 2º lugar



Fonte: Coelho e Rocha (2022).

**Figura 3 - Ilustração de Isabelle Luísa Sousa - 3º lugar**

Fonte: Coelho e Rocha (2022).

A partir das obras premiadas houve a colaboração do Prof. João Marcos Mendonça para ilustração de todas as partes do livro, optando as autoras pelas cores preta, branca e laranja em alusão à lama do desastre. A revisão foi uma colaboração dos professores Joana Paula Ataíde e Roberto Villela, tendo este ainda contribuído com a mensagem final do livro. E a editoração eletrônica ficou a cargo do Professor Elton Frederico Binda de Castro, com a diagramação final.

Foram impressos mil exemplares do livro na perspectiva da difusão do conhecimento em diversos ambientes externos e o livro foi lançado no dia dez de novembro de 2022, durante a realização da sétima edição do Seminário Integrado do Rio Doce.

Tanto o Concurso Literário como o lançamento do livro tiveram ampla cobertura registrada nos links abaixo:

a) **UNIVALE portfólio:**

<https://sites.google.com/univale.br/portfoliospic/edi%C3%A7%C3%B5es/2018?authuser=0>

b) **Youtube (UNIVALE TV):** <https://youtu.be/YvSEzCai0oM>

- c) **Site da UNIVALE** - Lançamento do livro “Desastres no rio Doce: olhares e percepções” acontece nesta quinta-feira (10/11) :  
<https://www.univale.br/lancamento-do-livro-desastres-no-rio-doce/>
- d) **Site da UNIVALE** - Impactos do rompimento da barragem de Mariana são tema de debate em Valadares: <https://www.univale.br/impactos-do-rompimento-da-barragem-de-mariana-sao-tema-de-debate-em-valadares/>
- e) **Site da UNIVALE** - 7º Encontro de Integração da Bacia do Rio Doce começa dia 16: <https://www.univale.br/7o-encontro-de-integracao-da-bacia-do-rio-doce-comeca-dia-16/>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A publicação do livro demonstrou a importância de manifestar os sentimentos vivenciados por um desastre, sendo possível a disseminação dos textos e o resgate de histórias das comunidades do Vale do Rio Doce atingidas pelo rompimento da barragem de rejeitos da Samarco Mineração S.A.

O livro representa a contribuição para o não esquecimento do desastre e ressalta a necessidade do registro dos sentimentos e memória dos indivíduos. Por ser modelo de manifestação da arte, se traduz em um valioso instrumento de comunicação que exprime sentimentos, pensamentos, anseios e preocupações, e de forma acessível a todas as pessoas e de todas as idades, por formas diferenciadas da arte.

**PALAVRAS-CHAVE:** rio Doce; arte; desastre; memória.

**AGRADECIMENTOS:** Agradecemos de forma especial à Universidade Vale do Rio Doce -UNIVALE e à Fundação Percival Farquhar – FFPF por acreditarem na possibilidade de difusão do conhecimento de forma diferenciada por meio da arte nesse trabalho. Agradecemos a toda equipe da UNIVALE Editora. Aos professores

Elton Binda, Roberto Villela e João Marcos Mendonça por contribuírem com a construção e enriquecimento da obra.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em: 23 set. 2023.

Coelho, Adriana de Oliveira Leite. **Dos rejeitos aos sujeitos: a tecnologia social a favor da pessoa com deficiência em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil 2022**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2022.

COELHO, Adriana de Oliveira Leite; ROCHA, Lissandra Lopes Coelho (org.). **Desastre no rio Doce: olhares e percepções**. Governador Valadares, MG: Univale Editora, 2022.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmen; NODARI, Eunice Sueli; SANTOS, Mauro Augusto dos. Rio Doce: riscos e incertezas a partir do desastre de Mariana (MG). **Revista Brasileira de História**, v. 39, n. 81, p. 141-162, 2019.

ESPINDOLA, Haruf Salmen; FERREIRA, Nathalia Moreira; MIFARREG, Iesmy Elisa Gomes. Território da mineração: uma contribuição teórica. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 62, p. 67-93, 2017.

ABRINQ. **100 anos da Semana de Arte Moderna: o conceito de arte e suas formas de expressão**. 2022. disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/100-anos-da-semana-de-arte-moderna-o-conceito-de-arte-e-suas-formas-de-expressao>. Acesso em: 26 ago. 2023.

HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles. **Grande dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LOPES, Alfredo Ricardo Silva. **Desastres socioambientais e memória no sul de Santa Catarina (1974-2004)**. 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p.7-28, 1993.

**Let's bora**



**inspirar e mostrar  
como ir além!**

Rocha, Lissandra Lopes Coelho. **Gestão e governança preventiva e precaucional no desastre da barragem da Samarco/Vale/BHP em Mariana/MG**. 2022. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2022.